



## A OBRA DE LÔBO DA COSTA

*Mozart Victor Russomano*

O ROMANTISMO deixou marcas fundas no espírito do Brasil.

Deixou, também, cruces tristes à margem do caminho, assinalando a passagem atormentada e efêmera de seus poetas.

Numa delas, a mais isolada, a mais esquecida, a mais humilde, há como epítáfio um simples nome: Lôbo da Costa.

\* \* \*

O Romantismo foi um movimento revolucínario que fêz girar a literatura com velocidade, impelida pela palavra de Goëthe e Schiller. Abriu fendas profundas no estuque da arte classicista e fêz cair — nas palavras de Victor Hugo — a máscara de impassibilidade usada pelos literatos.

Libertou o artista das algemas que o escravizavam ao modelo abstrato e inalterável. E libertou a obra das imposições milimétricas do preconceito literário. O poeta amou — e cantou o amor. Sofreu — e cantou o sofrimento. Saltou-se, assim, da objetividade clássica para a subjetividade romântica. Ganhá-vamos na evolução. Conhecemos, então, os primeiros pintores, pela palavra, dos painéis da natureza; os primeiros jograis da sensibilidade; os primeiros intérpretes do caleidoscópio dos nossos sonhos.

Por coincidência excessiva para não ser uma fatalidade, o Romantismo fazia

essa remodelação completa na filosofia artística ao mesmo tempo que o liberalismo dava à economia as noções fundamentais da Escola de Manchester e o individualismo, nos trabalhos da emancipação política, auto-valorizava a personalidade humana.

Numa época assim, de novos rumos e de novos alvos, de arremessos e de expectativas, de renovação e de libertação, o Rio Grande do Sul começou a dar a sua parcela para o advento cultural do país. E se é forçoso reconhecer que o adimplemento dessa obrigação da inteligência do Rio Grande veio bastante atrasado no tempo pelos entreveros e pelas guerras de fronteira, certo é também que o poder recuperador dos gaúchos lhes permitiu emparelharem-se, nos planos da arte, às outras unidades da federação, que corriam muitos anos na frente.

O pensamento literário da Província fixou-se, definitivamente, nas coordenadas românticas. Nunca será demais destacar o papel catalítico que, nessa reação mental, desempenhou o Partenon Literário, que atraía para seu seio os nomes centrais da cultura rio-grandense e que pôde criar um verdadeiro núcleo artístico, pois imantado estava pelo prestígio de Múcio Teixeira, dos Pôrto-Alegre e de outros.

Os homens dessa fase são os bandeirantes da nossa cultura. Desbravadores

autênticos. Haviam, pois, de deixar atrás de si a marca de passos incertos e estradas mal entalhadas no desconhecido.

O Romantismo nacional — nas três côres de seus três momentos culminantes — teve um denominador comum: a idéia patriótica. Mesmo quando Gonçalves de Magalhães, acolchoando seus versos na bruma da melancolia, iniciou o “período byroneano”, largas lâminas de amor à terra natal cortavam seus poemas líricos. O “indianismo”, por seu turno, a par de ser um esforço de naturalização da literatura (pois Alencar queria que os índios falassem como índios, e não como doutres de Coimbra — na expressão de Ronald de Carvalho), foi também a exaltação da raça americana. E, finalmente, por ser um movimento de revolução literária paralelo ao desenvolvimento evolutivo da economia, da política e da sociedade; por ser, também, uma tentativa de emancipação artística a permitir que os impulsos e os desejos do autor se plasmassem na obra e vivessem na concepção — o Romantismo Brasileiro, tomando feições hugoanas, escapou para os rasgos do pensamento e chegou à cúspide de alguns poemas sociais-revolucionários. Foi quando a literatura se colocou a serviço da causa pública. Fizemos a Abolição pelo estro de Castro Alves e pelo verbo de Nabuco.

Nessa feição renovadora e nacionalista do Romantismo Brasileiro, mais acentuada do que na Escola Mineira, há uma justificativa para a verificação de que foi dentro daquela corrente que se traçaram as diretrizes primárias da arte gaúcha. Nossa posição de sentinela meridional da integridade física do país, nosso temperamento, nossa história, nossa galhardia tantas vezes chamada para a prova de fogo dos combates deram-nos um acendrado amor telúrico e uma paixão desmedida pela Liberdade.

Antes do Partenon, é certo, há vultos de gigante. Araujo Pôrto-Alegre. Araujo Ribeiro. Caetano da Silva. Félix da Cunha. Todos êsses homens de letras, inclusive a maior parte dos frequentadores do Partenon Literário, exatamente porque eram os iniciadores da ascensão espiritual da Província, passavam, porém, mais ou menos despercebidos da multidão, que ainda se encantava com os movimentos revolucionários e que se deixara melhor conduzir pelo heroísmo dos campos de batalha. Um dêles, contudo, se identificou com o seu povo. Foi um poeta. Mais uma vez, a coletividade revelava sua inclinação sensível para o devaneio e para as ilusões. Esse poeta foi Lobo da Costa.

A verdadeira, a maior glória do escritor é o anonimato. Não há nisso paradoxo. Ao contrário. Há aí lugar-comum. O êxito máximo do que escreve está em penetrar tão fundo nas camadas do pensamento coletivo que se repetem suas estrofes, suas frases, suas observações, sem se saber, de fato, a quem pertencem. Dá-se a assimilação completa do autor pelo leitor. O poema começa a ser “modinha”. A frase passa a “provérbio”. O enredo é um “caso”. O autor, incógnito, entra na consagração do “flore”.<sup>1</sup>

Quem, entre nós, auferiu as premícias dêsse esquecimento glorificador e supremo foi Lobo da Costa. Assinalam-no penas insuspeitas, como a de João Pinto da Silva, no capítulo que lhe reservou em sua “História Literária do Rio Grande do Sul”. Ari Martins, escrevendo em 1940, disse: “É, até hoje, o poeta mais popular do Rio Grande do Sul”. Repetia, de certa forma, o antigo conceito de Achylles Pôrto-Alegre, que declarou: “Lobo da Costa é quiza o poeta mais popular do Rio Grande do Sul”. Os conceitos sôbre Lobo da Costa, portanto, não se alteraram com os anos (2).

1 — Vide Achylles Pôrto-Alegre, “Homens Ilustres do Rio Grande do Sul”, Tipog. do Centro, P. Alegre, 1916; Ari Martins, “Poetas do Rio Grande do Sul”, separata dos Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia, Liv. do Globo, P. Alegre, 1940. L. Freire divide essa honra entre Lobo da Costa e Carlos Ferreira, autor de “Rosas Loucas”, falecido em São Paulo (“Letras Riograndenses”, in “A Máscara”, edição comemorativa do Centenário da Independência, P. Alegre). Carlos Ferreira foi quem prefaciou o livro de Lobo da Costa intitulado “Lucubrações”.

A sua atividade mental está fragmentada em três partes distintas: Ele foi dramaturgo, romancista e poeta.

Do dramaturgo, pouco ou nada se pode dizer. Escreveu várias obras de teatro. Mas nenhuma delas ainda existe. E não foram poucas, a se julgar pelas referências: "A Bôlsa Vermelha", "O Maçon e o Jesuíta", "O Filho das Ondas", "Assumpção ou a Morte do Tirano Lopes em Aquidaban" e "Os Amôres de um Cadete" — além de diversas cenas dramáticas isoladas e outras tantas comédias (2).

É certo que a tradição atribue algum merecimento a êsses trabalhos. O consciencioso jornalista Antônio Joaquim Dias, quando fez o necrológio do poeta, disse que foram êles representados em teatro pelotense, encontrando boa acolhida de parte da sociedade da época, bastante exigente, por sinal. Seus contemporâneos e críticos, todavia, são unânimes em reconhecer que Lobo da Costa era poeta antes de tudo, antes de dramaturgo, muito antes de prosador. A sua incultura, no verso, se podia acobertar na inspiração. A prosa realçou-lhe os defeitos técnicos e revelou-lhe os poucos recursos de estilo. Tudo isso se agravaria, presume-se, no drama. O conceito de Antônio Joaquim Dias foi, aliás, parcimonioso e, certamente, suavizado pelo abalo sofrido com a morte trágica do autor (3).

Lobo da Costa como dramaturgo, portanto, é um ângulo perdido pela posteridade. A não ser que outro, mais venturoso, encontre em fontes não averiguadas exemplares daqueles trabalhos, cuja circulação forçosamente teve caráter local e que seriam rico subsídio para estudo dessa facêta, hoje ignorada, do saudoso pelotense.

É também pouco conhecido — embora os antologistas já o tenham indicado — o fato de ter sido Lobo da Costa romancista. Publicou êle em vida um pequeno volume: "Espinhos d'Alma", hoje uma raridade de Biblioteca (4) e que, a par de crônicas e contos esparsos, é o espelho fiel das fracas possibilidades do prosador (5). Isso, entretanto, serve para insulá-lo nos áditos puros e elevados da poesia, que é o mais complexo gênero literário e que os filósofos consideraram a mais difícil de tôdas as artes, acima da própria música.

O romance de Lobo da Costa é uma narrativa sem valor, com tôdas as palidez, ingenuidades, estremecimentos, apertos de mão às escondidas da Escola Romântica e que, hoje em dia, só podem ser desinteressantes para a geração que ama e vive com a rapidez da própria vida e com o receio de tudo perder no minuto decisivo que foge. Não lhe é, como a todos os escritores da época, nada favorável o contraste em que cá, sempre que, instintivamente, somos levados a compará-lo aos modernos, a cujos excessos inversos estamos acostumados, porque nos revelam, pelas torrentes realistas, a outra facêta da existência, aquilo que a sociedade possui de brutal e chocantemente verdadeiro, nas teses de Zola ou nas burguezas de Balzac.

Um parágrafo justifica e sintetiza a crítica: — "Alguns chorões plantados à margem, velam o sono dessa linfa tristonha, mal osculada por um brando suspiro de favônio que passa, trescalando olores furtados aos rosas ou jasmíneos de algum jardim." (pág 12)

Mas não é a concepção do belo o que nos contraria no romance. Afinal, tudo se resumiria a uma questão de escola e

2 — "Almanaque Literário e Estatístico do R. G. do Sul" para 1893, de Alfredo Ferreira Rodrigues, pág. 11; Guilhermina Krug e Nelly Rezende Carvalho, "Letras Riograndenses", pág. 277.

3 — Vide "Correio Mercantil", de Pelotas, de 20 de junho de 1888, pág. 2.

4 — Impresso na tipografia do "Éco do Sul", de Rio Grande, de Pedro Bernardino de Souza, no ano de 1872, êsse romance foi dedicado à espôsa do proprietário do jornal. Existe um exemplar na Biblioteca Pública de Rio Grande e outro no museu da Biblioteca Pública Pelotense.

5 — Essa observação é confirmada, por ex., pelo conto "Heloisa", com que se abre o volume de "Flores do Campo" — coletânea organizada por Francisco de Paula Pires e editada, em 1905, em Pelotas, pela Livraria Comercial. Vide, também, "Lusbela (página sinistra)", publicada no "Progresso Literário", de Pelotas, em 4 de março de 1877, pág. 2.

de momento. Encontraria, como de fato encontrou, ressonância no sentimentalismo de muitas donzelas e nas pretensões emotivas dos latagões do século passado! O pior, para nós, é que o romance tem a veledade de conter uma trama psicológica e um retrato caricatural da vida vaidosa da cidade, sendo seu autor suficientemente inábil e pouco letrado para se abalançar com êxito a esse gênero difícil de ficção.

Colcou êle dois romances no seu romance e encheu ambos com os seus próprios amores. No desenvolvimento de idéias muito vulgares, Lobo da Costa ficou incurso em todos os erros imagináveis da boa técnica, cujas regras gerais e abstratas êle desconhecia. O que mais o prejudicava, entretanto, era a ignorância do vernáculo, que o arrastava, de embaraço em embaraço, para incorreções gramaticais elementares e que lhe revelava a rara habilidade de colocar sempre mal os pronomes...

Seu estilo, como arte literária — que na poesia se curva em delicadezas algumas vêzes superiores às de Casimiro de Abreu e que se retesa, com alguma solenidade impressionante, nos arrancos condoreiros, beirando o alto das cordilheiras geniais de Castro Alves — o seu próprio estilo está transfigurado na novela.

Pintando uma paisagem, êle comete êsse delito de lesa-arte:

“Deixando o bulício da cidade, dirigi-me às margens do poético Santa Bárbara, que nesse instante parecia dormir, como nacar em cálice em que lábios de Deusa não o tolda” (pág. 12).

Descrevendo o personagem, reincide nas penas das leis da literatura, com agravantes absolutas:

“Agora, como se torna preciso o esbôço, ao menos dêste tipo, ainda que bem nos custe, porque as tintas escasseam-nos em tais casos, diremos contudo o que sirva na realidade do que é” (Pág. 22).

Não se duvide, portanto, que “Espinhos d’Alma” é um zero à esquerda no algarismo representativo do belo espírito de Lobo da Costa. Só tem o mérito de haver guardado as suas verdadeiras e diminutas proporções de romancista.

Mas, quando faz versos, quantas estrélas coroam a frente do prosador de pés de argila!

Não queremos dizer que seus poemas sejam tecnicamente perfeitos. Lobo da Costa nunca poderia ser um poeta universal. O pouco trato de sua linguagem aqui e ali o atraíçoaava. As noções de ritmo, cadência e métrica — que êle usava por intuição, como todos os poetas — lhe eram desconhecidas. Não que se lhe exigissem zelos parnasianos incompatíveis com sua teoria artística. Mas porque êle, incorrendo em falhas técnicas, prejudicava o conjunto e embaciava a idéia. Bernardo Taveira Júnior, seu companheiro, comentou: — “A sua instrução, porém, era limitadíssima; prova-o não só a incorreção de seus versos, como também a indecisão do pensamento, que não poucas vêzes desnor-teava quando buscava sublimar os vãos” (6). E o grande Múcio Teixeira foi ainda mais cortante: “Lobo da Costa desconhecia as imperiosas exigências dos tratados de metrificação, havendo nas suas poesias somente sinceridade e tudo quanto a natureza pôde dar sem o auxílio imprescindível da arte”. Mas o crítico reconhece, também: — “Há na inspiração dêste incorrigível boêmio, relâmpagos de cintilação bizarra que furam a escuridão de uma forma descuidada” (7).

É que Lobo da Costa fez poemas como viveu: imoderada e despreocupadamente, quebrando os grilhões da praxe, descuidando da roupagem e da opinião alheia. “Era o bardo rústico que, no Parnaso rio-grandense, àquêle tempo, se poderia comparar ao sabiá da praia, gorjeando sobre um galho florido de laranjeira, sob o luar sedoso ou na poeira de ouro das encantadoras tardes gaú-

6 — “Progresso Literário” do 1.º de julho de 1888, pág. 1. — Pelotas.

7 — “Os Gauchos”, 2.º vol. — Ed. Leite Ribeiro & Maurílio, Rio, 1921.

chas" (8). Por isso, só se pode interpretar a obra de Lobo da Costa se se conhecer a sua existência. Só se pode admirá-la se se desculpar a sua vida. Para êle, como para ninguém, a crítica deve ser paralela à biografia.

Quando o poeta saía para o laço épico do decassílabo e, notadamente, para os perigos do alexandrino, a terra lhe fugia sob os pés (9). Como inato trovador popular, adaptava-se, porém, com sucesso, às redondilhas, cujas facilidades de composição o auxiliavam.

Via de regra, estudando-se Lobo da Costa, têm-se em vista suas obras póstumas, aquelas que são feitas de retalhos, as que não foram selecionadas pelo autor: "Auras do Sul", "Dispersas" e "Flores do Campo" (10).

Dessa forma, tem-se feito a análise do poeta representando-o por aquilo que muitos consideram o menos apreciável, o que êle próprio não quis eternizar no livro. Não há dúvida de que êsse é um erro grave dos historiadores e comentaristas, mas perdoável pela dificuldade que hoje se enfrenta para conseguir um volume das obras anteriores, algumas das quais perdidas para sempre. Poetisas que conviveram com Lobo da Costa não escondem a abismal diferença que existe

entre umas e outras. Mas "Rosas Pálidas" e "Maripósas" — ao que sabemos — ninguém mais possui. Obtivemos, entretanto, na Biblioteca da cidade de Rio-Grande, "Lucubrações". É, aí, dizem, que se deve curvar o ensaísta para que encontremos as melhores páginas de Lobo da Costa que o destino conservou (11).

Da análise das mais duradouras composições do trovador pelotense conclui-se, sem dificuldade, que sua teoria literária, trespassando o prisma da escola e dos momentos máximos do Romantismo, se divide em duas largas faixas.

Por temperamento, por concepção, pela cíclica que os fados lhe obrigaram a beber, êle é integralmente byroneano. Escreveu poemas que, pela forma e pelo fundo, poderiam ser assinados por Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo. Mas, em outros momentos, Lobo da Costa se arroja para o esplendor das imensas luminosidades, para a exaltação cívica, para as intenções revolucionárias, para as fugas do condor — e nem poderia deixar de fazê-lo, porque, a essa altura, o verbo de Castro Alves já havia feito com que retinsem os vértices de cristal da nacionalidade.

8 — Achylles Pôrto-Alegre, Op. cit. loc. cit.

9 — Confirma-o o poema "Naufrágio do RIO APA", incluído em "Dispersas", pág. 49.

10 — Trata-se das coletâneas organizadas por Francisco de Paula Pires, após a morte do poeta. "Flores do Campo", como já foi anotado, é edição da Livraria Comercial, de Pelotas — 1905. "Dispersas", lançado em 1896, não tem marca do editor. O compilador numerou o livro como sendo o primeiro volume — o que era a promessa implícita, aliás não cumprida, de novos tomos. De "Auras do Sul" informamos que a primeira edição é de 1888 (Tipografia do Excelsior — Pelotas). Existe um exemplar dessa tiragem na Biblioteca do Rio-Grande. Outro, em Pelotas, pertence à família do saudoso historiador Alfredo Ferreira Rodrigues. Essa edição transcreve uma série de notas críticas e de poemas *in memoriam* dedicados a Lobo da Costa por outros escritores.

Em 1898, novo lançamento foi feito de "Auras do Sul", com poesias inéditas, pelos livreiros Echenique & Irmão (Pelotas). Mas o volume que possuímos dessa obra é uma edição em cores, diferente das duas indicadas. Não tem esta, entretanto, data ou sinal da tipografia que imprimiu o livro.

A Livraria do Globo (P. Alegre) publicou um volume — "As Melhores Poesias" — organizado por Mansueto Bernardi e contendo versos escolhidos dos três volumes supra citados (1927). De nota aposta ao mesmo, colhe-se que a Livraria do Globo, por contrato celebrado em 3 de janeiro de 1925, na capital gaúcha, adquiriu os direitos autorais das obras de Lobo da Costa, *inclusive as inéditas*.

11 — Vide o ensaio de Revocata H. de Mello e Julieta de M. Monteiro, datado de 21 de setembro de 1895, escrito especialmente para a edição de "Dispersas". Cumpre, porém, deixar bem claro que "Auras do Sul" é, na verdade, uma bela coleção de poemas, tendo facilitado, muito naturalmente, a fama do seu autor.

No prefácio da segunda edição de "Auras do Sul" (1898), escrito pelo próprio Francisco de Paula Pires, anuncia-se uma irrealizada re-publicação de "Lucubrações", originariamente editado em São-Paulo pela Tipografia J. Seckler (1874).

Nas notas de "Flores do Campo", Francisco de P. Pires indica que "Lucubrações" foi impresso no Rio. Outros afirmam que a publicação foi efetuada em Pelotas (Maximiano Lemos, "Enciclopedia Portuguesa Ilustrada", 6.º vol., pág. 552 — Ed. Lemos & Cia., Pôrto, s/data). Todos êsses depoimentos não estão certos. "Lucubrações" foi publicado em São-Paulo, como acima se afirmou, e escrito, em grande parte, na capital bandeirante, como o próprio Lobo da Costa disse nas notas impressas nas últimas páginas do livro. No momento em que o afirmamos, possuímos em mãos o volume — talvez o único ainda existente — de "Lucubrações", que pertenceu à poetisa Revocata de Mello e hoje está na Biblioteca Pública de Rio-Grande.

Foi condoreiro por entusiasmo patriótico, por seus sonhos revolucionários, por suas idéias republicanas (12), por ser um irreverente em face do preconceito e, sobretudo, por viver posteriormente à glorificação e à canonização intelectual de Castro Alves, sentindo o espinho dessa poderosa influência cravado no seu pensamento e no seu coração. Byroneano, contudo, ele o foi por constituição orgânica, por formação física e mental, por gosto, por inclinação, por ordem suprema do senhor dos destinos (13).

Não nos atemoriza o juízo contrário de Alfredo Ferreira Rodrigues, para quem Castro Alves, sobre todos, transparece nas estrofes de Lobo da Costa. Pinto da Silva, uma vez mais, está com a razão. Múcio Teixeira o considerou uma vítima a mais do "byronismo", que faria recuar o próprio Byron. O ápice de Lobo da Costa é byroneano, portanto, e deu-nos ele, assim, o que de mais bonito a sua inteligência continha e o

que de mais risonho ou doloroso havia na ânfora vermelha dos seus amores (14).

Sob a influência simultânea dos dois extremos do Romantismo nacional — influência ora objetivada nas condições do meio ambiente, ora resultante do ímo do próprio autor — chegou Lobo da Costa a uma exótica e valiosa combinação, dosando o desalento de Casimiro e Varela com os ímpetos de audácia de Castro Alves.

Conquistou, assim, um traço profundamente pessoal, que lhe permitiu ser, como nenhum outro condoreiro, dolente e amoroso e que também lhe permitiu ser, como nenhum outro byroneano, um enamorado ardente, um cético viril, um triste heróico, sensível às vibrações da valentia artística, embora reclinado em doces imagens e melancólicas lembranças.

Dois belos poemas confortam essa interpretação. Escolhêmo-los porque são dos mais aplaudidos e divulgados. Dêles, a seguir, damos os trechos principais.

## A D E U S

(À sombra do salgueiro)

*Adeus! Eu vou partir. Por que soluças?  
Não brilha o pranto, a dor, à luz da festa,  
Nem a rosa, por pálida e modesta,  
deve pender a fronte inda em botão...  
Que eu te diga êste adeus — manda o destino!  
Eu sou naufrago vil, sem norte ou guia,  
Açoitado por ventos de agonia  
Nas cavernas fatais do coração.*

- 12 — O poeta português Francisco Guilherme Pinto Monteiro, genro de D. Revocata de Mello e que viveu longos anos no Brasil, escreveu um prefácio para seu livro, até hoje inédito, "Uma História como há Tantas", datado de 10 de novembro de 1873 (Pelotas) e cheio de acidez contra a monarquia e o clericalismo. Termina por oferecer seu estudo a Lobo da Costa, em quem Pinto Monteiro diz ter encontrado não só um espírito brilhante e condescendente, não só um amigo fiel, mas, sobretudo, um ardente defensor das idéias republicanas. Pinto Monteiro foi quem dedicou a Lobo da Costa seu poema "Minha Terra", de exaltação a Portugal, a que o poeta pelotense respondeu em verso, enaltecendo o Brasil ("Flores do Campo", págs. 83 e 19, respectivamente).
- 13 — "Lucubrações", por ex., com exceção de dois ou três poemas, é byroneano, recortado de tragédias, de mortes, de coisas tumulares, a ponto de "O Solitário dos Tapes" lembrar, em várias passagens, o "Noivado do Sepulcro", de Soares Passos, que assinala o ultra-romantismo em Portugal.
- 14 — Apesar de tudo, é forçoso convir em que Lobo da Costa, muitas vezes é, exclusivamente, hugoano, como quando termina "Infância e Glória, ou compõe o hino "Aos Tipógrafos" ("Auras do Sul", págs. 96 e 181). Indicamos outros poemas condoreiros: "O Povo" ("Dispersas", pág. 57); "Glória à Liberdade" (idem, pág. 92); "O Rei e o Operário" ("Auras do Sul", pág. 64); "Um Canto do Século" ("Lucubrações", pág. 12); "A Fome na Província do Norte" ("Auras do Sul", pág. 165), etc. Há momentos em que Lobo da Costa revela até mesmo a influência indianista de Gonçalves Dias, como no poema "O Índio" ("Flores do Campo", pág. 31).

Chorarás no momento em que eu te deixe  
Ou, quando perto eu fôr da tua herdade,  
Passarás uma noite com saudade;  
Mas a aurora trará mimos a flux.  
E desperta de um sonho que te aflige,  
Os passos sulcarás d'almo folgado,  
Esquecida daquele que tão cedo,  
Sem amparo caiu vergado à cruz.

Trará o esquecimento alívio às dores;  
Muitos dias talvez virão por êste,  
E das bagas do pranto que verteste  
Brotarão os jasmims de um novo amor...  
Cantarão no teu lar os passarinhos,  
Muitas flores virão co'a primavera,  
E de mim ficará de uma outra era  
Agudo espinho de saudosa dor.

Teu cãosinho de neve a que tu amas,  
No latido gentil, com que implora  
Que eu não faça chorar sua senhora,  
Ou pedindo-me em prantos que eu não vá...  
Mas quem sabe, se um dia quando os tempos  
De novo me trouxerem a estas plagas,  
Não serás, ó cãosinho que me afagas,  
O primeiro que então me morderá?

De lágrimas se funde o esquecimento  
Com que algema o sentido mais dileto.  
Não há por mais gentil que seja o afeto  
Quem se possa eximir àquela essência.  
É gelo que entibia as flores d'alma.  
É fogo que consome alto destino.  
E já vês, ó meu anjo peregrino,  
Que não deves chorar a minha ausência.

O tempo que corrói a pedra bruta,  
Também destrói os frutos da memória,  
Mal fôra se, na vida transitória,  
Não sucedesse ao golpe a cicatriz.  
— Tudo arrasta na vida a vaga irosa,  
O sol que amanheceu baixa ao poente...  
Só há uma saudade permanente,  
— A saudade da mãe e do infeliz.

Já viste a triste mãe que um berço embala,  
Velando uma criança adormecida,  
Consagrando-lhe esperança, amor e vida,  
Capaz de se finar se ela morrer;  
E após, se a idade veste-a de esplendores,  
Tornar-se seu algoz, ser seu patíbulo,  
E ir vendê-la nas portas do prostíbulo,  
Como rês inocente — a quem mais der?

Nunca viste o mendigo esfarrapado  
Beijar a mão bondosa que o ampara  
E depois, se a fortuna se lhe aclara,  
Como Pedro negar ao próprio Cristo?  
Nunca viste o impudor — calcando o pejo,  
A dor desafiando gargalhadas,  
Em troca de carícias — punhaladas!  
Nunca viste? Pois eu já tenho visto!

Só guarda uma saudade quem por fado  
Teve a dor do proscrito, a do abandono...  
Assim, se eu não morrer, se o eterno sono  
Não fôr além dormir, pomba adorada,  
Lembrarei teus encantos e meiguices,  
Chorarei de saudade — embora rias,  
Cobrindo com meu manto de agonias  
Os espinhos da cruz que me foi dada (15).

## V I N G A N Ç A

Mas isto amor não é! já no meu peito  
Não há vestígio da flor dessa esperança!  
E ódio! é só desprezo... indiferença!  
Desprezo, indiferença e só vingança!

Vingança eterna do poeta altivo,  
Que já não pode na mulher ter fé!  
Que o ídolo que adorou reduz a cinzas  
E sôbre as cinzas se coloca em pé!

Vingança eterna do poeta atraídoado,  
Que não sabe nutrir falsa traição,  
Mas que sabe punir com indiferença  
À mulher que pratica a ingratiidão.

Que sabe, amante, ajoelhar-se escravo  
À luz dos olhos da mulher que adore,  
Mas, que sabe, traído, desprezá-la,  
Té mesmo quando arrependida chore.

Que sabe, amante, ajoelhar-se escravo!  
Mas que sabe, também, perdida a fé,  
O ídolo falso reduzir a cinzas  
E sôbre as cinzas colocar-se em pé!

Mulher: sagrei-te meus cantos,  
Na aurora da mocidade;

15 — In "Auras do Sul", pág. 20. Esse poema foi datado de São-Paulo, quando Lobo da Costa vinha do Uruguai, onde abandonara seu primeiro amor. Essa indicação é contestada por Alfredo Ferreira Rodrigues, seu contemporâneo e amigo, que adianta, categoricamente, haver a um grande lapso histórico e declara possuir elementos — aliás não enunciados — para afirmar que o poema, de fato, foi escrito na "Estância dos Molhos", no Uruguai.

*Curti amargas saudades  
Na seio de crenças nu.  
Hoje o fado transmudou-se  
Ódio apenas te ofereço  
E de orgulhoso — não desço  
Ao lôdo em que vives tu!*

*Como a estrêla que se apaga,  
Astro sem brilho que morre,  
Nos meus olhos já não corre  
Uma lágrima sequer.  
Julguei-te um anjo na terra,  
Elevei-te a um céu ridente,  
Mas hoje vejo, descrente,  
Que não passas de mulher!*

*Esqueceste-me? Que importa!  
Serás também esquecida.  
Mas um dia, arrependida,  
Chorarás por mim em vão.  
A vida — dura bem pouco.  
A fortuna — também finda.  
Espero encontrar-te ainda  
Rojada ao lôdo do chão!*

*As faces já cadavéricas,  
Os olhos quase apagados  
E êsses lábios desbotados  
Pelos beijos da traição!  
E ao ver-te, nem por piedade  
hei de a mão te oferecer  
Estátua fria — mulher  
Que não tinhas coração!*

*E decaída e rojada  
No precipício dos anos  
Verás teus ledos enganos  
Calcados como uma flor.  
Então — múmia ressequida —  
Ao lembrar-te do passado,  
Verás que negro é o teu fado  
Quão vil foi o teu amor! (16)*

Esse lirismo másculo e irado, algumas vêzes transbordante de ódio, brotava da alma do poeta com uma admirável espontaneidade. Não poucas vêzes, chegou êle a essas mesmas raias de arte pura em improvisos, feitos na ta-

verna ou nos salões que frquentou a principio. Apesar de não ser um preocupado pela forma e um respeitador das boas regras poéticas, Lobo da Costa usava e abusava de sua inspiração, chegando a se arriscar em métodos difíceis de

16 — In "Auras do Sul", pág. 174. Tudo faz crer que essa poesia, da qual transcrevemos os trechos mais significativos, foi feita quando Lobo da Costa se viu repudiado pela família da jovem pelotense por quem se apaixonara, tendo esta acedido às determinações paternas, contrariando, embora, os desejos do seu coração.

rima. Parece que tinha êle uma certa predileção pelas rimas cruzadas (17). E no poema "Dejanira" repetiu essa técnica, com um sucesso excepcional, se considerarmos que foi feito de improviso, numa festa, tendo sido o poeta tomado de surpresa (18).

A poesia de Lobo da Costa, em síntese, está tôda ela embebida de lirismo. É verdade que na última parte de "Lucubrações" êle fez algumas tentativas de poesia satírica, sem maior sucesso. Deixou-nos, igualmente, um esboço épico, escrito a lápis, intitulado "Poema dos Pampas", que é muito pouco conhecido (19).

Apesar de haver o vate pelotense vivido no período heróico da história gaúcha, "o sentido ratzeleano da gleba não teve nesse grande lírico uma expressão peculiar, no ponto de vista racial ou histórico, como pondera Luiz Correia de Melo. Cabe aqui, para esclarecê-lo, o conceito de que o artista universaliza pela particularização. Notou-o Plínio Salgado, que, em sua bela conferência sobre a literatura rio-grandense, pronunciada em 1928, no Centro Gaúcho de São-Paulo, perguntou, talvez surpreendido do substractum humano de suas poesias: Aquêlê Lobo da Costa não se emparelha admiravelmente com o nosso Casimiro de Abreu do Brasil Central?" (20).

Tocado pela magia do pampa, pelas perspectivas das tradições gaúchescas, pelas divindades do descampado — êle também compôs alguns versos regionalistas pela forma, como "O Guasca" (21); ou pela inspiração, como "A Sombra do Umbu" (22); ou pela idéia, como "O Minuano", que

"no céu não deixa arder nem uma estrêla!  
na terra — apaga o lume dos fo-  
[gões]" (23)

Curioso é que, com um sem-número de composições líricas e com bastante poesia social-revolucionária, Lobo da Costa tem em versos regionais, que raramente escreveu, o seu poema mais conhecido — que não figura em nenhuma das suas obras póstumas, que não fez parte de "Lucubrações", mas que teve o dom de ser guardado na memória dos cantadores guascas e no coração do tempo: —

### AQUELE RANCHINHO

*Tu me perguntas a história  
daquêle triste ranchinho  
que abandonado encontramos,  
coberto por negros ramos  
de pessegueiro maninho;  
aquêlê rancho de palha,  
aquêlê triste ranchinho?*

*Ai! foi um drama de sangue  
que ali se deu... Pois não vêes?  
Repara para as janelas...  
O fogo passou por elas!  
Há quantos anos? — Há três.  
Contou-me o velho moleiro  
há pouco menos de um mês.*

*Ali morava um velhinho  
e mais um anjo de amor,  
criança bela e morena,  
mais formosa que a açucena...  
Maria, a pálida flor,  
cujo perfume rescende  
ainda aos pés do Senhor.*

*Maria e Vito se amavam,  
iam seus fados unir,  
quando a trombeta da guerra  
plangente ecoou na serra  
convocando a reunir;  
parte o audaz cavalariano,  
porém antes de partir...*

17 — Vide "A Ela" ("Lucubrações", pág. 105 e "Morrer de Amores" (idem, pág. 116).

18 — In "Dispensas", pág. 103.

19 — Esse esboço foi publicado, na íntegra, no "Progresso Literário", no segundo semestre de 1888. Dêle há trechos em "Dispensas" (pág. 125) e em "Flores do Campo" (págs. 42 e 65).

20 — Luiz Correia de Melo, "Subsídios para uma Civilização Brasileira S/A, São-Paulo, 1944.

21 — In "Dispensas", pág. 65.

22 — In "Lucubrações", pág. 109.

23 — In "Lucubrações", pág. 97.

Porém antes... entre beijos  
juraram constância assim:  
— “Se eu morrer numa batalha  
nesta casinha de palha  
tu viverás só por mim?”  
A moça beijou-lhe a fronte  
e respondeu-lhe: — “Pois sim.”

Os anos voam. Há tempo  
que ela não ri como soi...  
Chora a triste sertaneja,  
quando por fim lhe negreja  
uma notícia que doi:  
morrera Vito em combate...  
morrera como um herói.

Vestiu luto a pobrezinha,  
o velho também vestiu...  
Cede por fim a ternura,  
e pouco a pouco a tristura  
no peito se lhe extinguiu:  
se êle morreu foi destino,  
foi a sorte que o feriu!

Depois correu pela riba  
uma nova singular:  
que a bela flor do posteiro  
co'o filho de um fazendeiro  
ia de pronto casar;  
causou abalo a noticia,  
sem que ousassem duvidar.

Uma noite a tempestade  
batia pelos cipós,  
gemia o vento nos montes  
e as águas frias das fontes  
desciam com rouca voz;  
e no rancho do posteiro  
dois noivos dormiam sós.

De repente pela encosta  
um cavaleiro desceu,  
molhado o poncho brilhava  
ao resplendor da saraiva  
que resvalava do céu...  
Era um vulto negro... negro...  
irazia enorme chapéu!

Soltando a rédea ao cavalo  
ao rancho foi espreitar...  
O vento rugia ao longe  
e o bosque, sombrio monge,  
estava como a rezar...  
À luz de um raio se abre  
a porta de par em par!

Sôbre o leito precipita-se  
o camponês sem temor!  
No punho a adaga flutua  
e nas mãos aberta a sua  
primeira sombra de amor.  
Uma luta então se trava  
sendo Vito vencedor.

— Pérfida! brada o gaúcho;  
vês o teu noivo? Morreu!  
Morrerás também, ingrata!”  
E a fria adaga de prata  
bem nos ares suspendeu;  
baixou a mão e três vèzes  
no alvo seio a embebeu.

No outro dia os destroços  
de um rancho viam-se então;  
o incêndio levava tudo  
e fôra cúmplice mudo,  
fôra cúmplice o trovão!  
— Aí tens a história que pedes  
do ranchinho do sertão! (24)

\*  
\* \*

Lobo da Costa teve uma atividade intelectual intensa, deixando-nos três livros de versos publicados, além de outras obras e material para a consolidação de outros tantos. Curioso é que, pelos últimos, notadamente por “Auras do Sul”, êle readquiriu, momentaneamente, seu lugar na lembrança coletiva dos homens.

Foi êle um freqüentador do Partenon Literário, como diz Fernando Osório (Filho) em “A Cidade de Pelctas”. Destacou-se no cenáculo e formou, ao

24 — A íntegra do poema, aqui reproduzido, pode ser encontrada no “Almanaque Literário” do Rodrigues (ano de 1893 — págs. 16 e 17). Aliás, êsse historiador realça a inconveniência do termo “sertão” no último verso de um poema gaúchamente regionalista, pois não é palavra usada na linguagem simples do homem do campo.

lado de Múcio Teixeira e Pôrto-Alegre, a trindade central do Partenon, como faz sentir Manoelito de Ornellas na sua notável "Síntese do Processo Intelectual do Rio Grande do Sul". Laudelino Freire incluiu "A Última Confissão de Eugênia Câmara" entre os "Quinhentos Melhores Sonetos Brasileiros" — o que, para um poeta genuinamente popular, equivale a uma consagração. Elevaram-no a patrono de uma das cadeiras da Academia Rio-grandense de Letras — aquela que viria a ser ocupada por Zeferino Brasil, o maior jogral, cujas forças intelectivas ainda vivem na literatura gaúcha e cujas últimas forças orgânicas, nos milagres da recomposição e da metamorfose, se devem ter sublimado no seu derradeiro desejo de serem hoje um berço, um leito de noivado ou a imagem divinizada de algum santo — algo enfim, que tenha, nas dobras da sua materialidade fugaz, a poeira de luz do encantamento e do eterno.

Lobo da Costa foi o primeiro poeta verdadeiramente grande que pôde ser verdadeiramente popular. A primeira poesia de escola a se introduzir no patrimônio folclórico rio-grandense foi "Aquêlê Ranchinho", que acima transcrevemos e que foi considerado "a mais interessante rapsódia da poesia gaúcha" (25). Vive êle, por isso, no espírito dos mais velhos com contornos nítidos. Conhecemos, há alguns anos, um mendigo trôpego e triste, batido pelo minuano de tôdas as misérias, de barbas brancas apostolares, que guardava, como quem possui um tesouro, a lembrança de Lobo da Costa, com quem convivera e cujos improvisos testemunhara (26). Para Alcides Maya, só Castro Alves o superou no momento-condoreiro, pois que êle tinha "um estilo próprio inconfundível,

uma naturalidade sem par e um acento de melancolia, fortemente sentida".

Não há, pois, razão para se pôr em quarentena a opinião desinteressada do imortal Alcides de que, no Rio Grande, o Romantismo apresenta em Araujo Pôrto-Alegre e Lobo da Costa os seus dois arquétipos, sendo o primeiro um nome nacional e o segundo um nome esquecido (27).

A injustiça não pode ser maior. Poucos literatos sofreram como êle, no plano da Província sulina, o banimento intelectual ditado pelo silêncio dos críticos. Sílvio Romero, o ensaísta enciclopédico daquela notável análise histórica da literatura brasileira, tão zeloso em nela incluir as menores estrêlas da constelação cultural do Norte, definindo-lhes exatamente as qualidades e a posição no éter das letras — o próprio Sílvio Romero confessou a Alcides Maya, com uma sinceridade tão simpática quanto alarmante, que não conhecia a obra, nem sequer o nome do desventurado bardo rio-grandense (28).

Sua própria cidade natal — Pelotas — prestou-lhe, apenas, duas homenagens. A municipalidade batizou com seu nome uma das ruas centrais e um roseiral que é, hoje, parque de jogos infantis, graças a um desses lances tão ao gôsto dos poetas e que transformam as flores em crianças (29).

Houve, também, a idéia de se erigir, em praça pública, um busto do poeta.

Não há, hoje, dúvida de que quem ventilou a idéia — embora sem maior ressonância — foi o saudoso cronista Gil Viana (30). Ccube, porém, a Alcides Maya, vários anos depois, reaviver a sugestão através da imprensa pelotense, dando-lhe, por seu imenso prestígio pessoal, o calor dos movimentos populares.

25 — Vide a crônica de L. Freire — "Letras Riograndenses" — na edição, já referida, da "Máscara" (P. Alegre — 1922).

26 — Segundo as trêmulas recordações desse mendigo, Lobo da Costa escrevia, num banco de praça, na mesa de um bar, no balcão de um boliche, seus belos versos — muitas vezes nem sequer assinados — que lhe eram pedidos para aniversários, recitativos, casamentos, etc.

27 — Vide "A Opinião Pública" de 12 de julho de 1917, pág. 2 — Pelotas.

28 — Carta de Alcides Maya a Fernando Osório (Filho), mencionada em "A Cidade de Pelotas" e publicada, integral, em "A Opinião Pública" de 12 de julho de 1917, pág. 2 — Pelotas.

29 — Decreto Municipal n.º 180, de 21 de novembro de 1949.

30 — Vide o artigo de Gil Viana publicado, meses antes de sua morte, em "A Reforma" de 21 de junho de 1908 — órgão êsse fundado, em Pelotas, por Gaspar da Silveira Martins. Sobre o assunto, na primeira página de "A Opinião Pública" de 18 de julho de 1917, há um "suelto" assinado por "T" e que, asseguramos, é de autoria do industrialista pelotense sr. Tobias Sica.

O escritor de "Ruínas Vivas" confiou a idéia, agora apoiada pelas instituições culturais da cidade, mas ainda latente, ao Governo e ao Povo do município <sup>(31)</sup>.

Nada seria mais justo, aliás, do que essa irrealizada glorificação, em bronze, do perfil de Lobo da Costa, que é, modernamente, para o Rio Grande do Sul, uma figura de lenda, triste como a de Chopin e trágica como a de Edgar Allan Poe.

Resta-nos, contudo, a esperança de que os autênticos historiadores da vida

intelectual da Província encontrem o nome de Lobo da Costa na sua verdadeira posição, transformado em pico da Escola Romântica e marco em espírito assinalando o início da arte popular gaúcha.

E êsses monumentos espirituais são ainda mais duradouros, mais amplos, mais belos, mais majestosos do que os erguidos sôbre o metal e sôbre o mármore — pois, enquanto êstes são feitos de pó e ao pó voltarão, aquêles são feitos de amor e amor sempre não de ser.



31 — O escultor Eduardo Sá chegou a desenhar o esbôço da herma que lhe fôra encomendada e que nunca se concretizou, apesar de Pelotas, ser, até excessivamente, rica em monumentos dessa natureza. O mencionado esbôço está reproduzido por Fernando Osório (Filho) em "A Cidade de Pelotas" (pág. 196).